

# Mais lembranças de Paris

RUBEM BRAGA

Recolho, em meu caderno, outras notas de Paris São recordações de passeios quase obrigatórios: ao cemitério de Montparnasse e ao Mercado das Pulgas.

1232\*\*\*  
Confesso que não fui ver o túmulo de Napoleão, nem mesmo o Pantheon, onde dormem Voltaire, Rousseau, Jaurés, Zola, Victor Hugo... Mas achei que era de meu dever, na qualidade de vizinho do cemitério de Montparnasse, fazer uma visita ao túmulo de Baudelaire. Encontrei o poeta enterrado junto ao muro que dá para a pequena e encantadora rua Emile Richard. Há, no alto uma cabeça do pensador; há também um morcego; e a estatua do poeta nos aparece deitada sobre o túmulo, o corpo envolvido em uma espécie de sudário apertado, como se fosse uma múmia. Mas a cabeça tem a sua dignidade; e eu confesso que ali, no cemitério deserto, na bela manhã outonal, eu me comovi pensando no poeta.

Um pequeno ramo de flores roxas está, já meio seco, sobre o túmulo; quem o terá levado ali, aquele ramalhete de pobre, aquela humilde homenagem?

São passeando pelo cemitério à procura do túmulo do casal Pigeon; lembrava-me de ter visto no Guia que era um túmulo surpreendente. Imaginava que os Pigeon tivessem mandado esculpir sobre a tumba dois pombos amorosos se bicando... De passagem vejo alguns túmulos ilustres, como os de Theodore de Banville e Louis Veuillot; e me demoro um pouco junto a um grande túmulo em que havia em relevo a cabeça de uma bela e jovem mulher com um chapéu de 1850 e gravados na pedra, cinco ou seis versos de amor. Lendo as inscrições é fácil ver que um homem perdeu sua mulher ainda jovem e mandou erguer aquele túmulo em que perpetuou sua beleza, enchendo-o de versos mediocres mas terrivelmente sentidos sobre o amor e a morte. E o próprio homem — uma inscrição o diz — foi enterrado ali trinta anos depois. Não posso deixar de contemplar algum tempo aquela cabeça de mulher, de traços nobres, finos, delicados; e aquela paixão desesperada de cem anos atrás me perturba como se fosse uma desgraça de hoje.

Afinal encontro o casal Pigeon. Não, nada de pombos. Há um grande grupo em bronze, tamanho natural. Madame Pigeon, uma senhora de seus 40 anos, magra e simpática, está deitada em seu leito, vestida com uma camisola com rendas, a cabeça descansando em um travesseiro, um pouco voltada para a esquerda, os olhos abertos, um lençol vindo até abaixo dos seios. Ao seu lado, Monsier Pigeon. Está também em cima da cama, apoiado a um cotovelo, as pernas esticadas sob o lençol, o corpo um pouco para a direita, um pequeno livro na mão. Está evidentemente lendo alguma coisa para a sua senhora enferma — e o mais surpreendente é que está vestido, com paletó, colarinho duro e gravata. Deve ser um pouco mais velho que madame Pigeon e usa bigodes. É tocante assim, aquele casal burguês. Por mais pitoresca ou mesmo ridícula que possa parecer a idéia — o fato é que o casal Pigeon (agora já acompanhado de alguns filhos) está ali vivo, eterno, na descuidada atitude de um momento familiar. O túmulo não dá a impressão de um grande amor, antes de

uma velha, terna, infinita amizade conjugal, uma grande doçura familiar. Tem-se vontade de exclamar: boa gente, os Pigeon!

Antes de sair me detenho ainda perante o túmulo de uma "mademoiselle" não sei mais de que. Morreu há quase duzentos anos. Mas quem fez o túmulo fez questão de apresentá-la em tamanho natural, de pé, linda e fresca, a cintura breve, os seios saltando de um decote antigo; um ramo de flores na mão — como a querer dizer que a beleza e a mocidade, ilusão de um instante, são mais eternos que a feia e fria morte...

\*\*\*

Queres comprar um colar chinês, ou um cinto mexicano para tua amada, um fogão, um rádio galena capaz de captar o silêncio de todas as estações do mundo, um metro de fazenda barata ou uma alpercata? O "Mercado das Pulgas" fica bem ao norte da cidade, na Porta de Clignancourt. Estendem-se ao longo da avenida Michelot e muitas outras ruas e praças, milhares e milhares de barracas.

A maior parte tem artigos industriais baratos e ruins, como esses que as lojinhas de turco no interior do Brasil vendem. E esses artigos novos, essas camisas de fazenda péssima, essas bugigangas coloridas de mau gosto, esses lamentáveis sapatos feitos de papelão, de pedaços de borracha e couro, talvez de feijão-soja, e essas fitas e enfeites, esses pentes, todos esses mil produtos de uma indústria pobre e pretenciosa que imita coisas ricas e boas para captar o dinheirinho e lisonjear a vaidade de um povo mal vestido e mal alimentado — isso é talvez a parte mais triste do "Mercado das Pulgas". Em todo o mundo floresce essa extravagante indústria de bobagem, que faz coisas de utilidade precária ou nula e perverte o gosto do público com seus "bibelots" infames.

Mais eis aqui máquinas de costura de começo do século, eis gramofones antidiluvianos — é o começo da idade da máquina, quando a máquina parecia toda feita a mão, por um artesanato fantástico de gosto rococó. Então mergulhamos em um mundo espantoso, onde "guidons" de bicicleta são vendidos ao lado de porcelanas da China, velhos retratos de família em molduras soberbas, lustres, baús, relógios de pendulo e painéis, chapéus e estribos árabes, tapetes, facas, trapos e gravuras. Aqui estão utensílios de vidas mortas, alegrias burguesas e talvez fidalgas de famílias longamente devastadas. Aqui está, à luz do sol, em plena rua, todo o absurdo amontoado dos fundos de porão — berços e crucifixos, instrumentos de música e uniformes usados. Uniformes de todos os povos, de todas as guerras...

É quase uma falta de respeito comprar um desses objetos que outrora serviram a vaidade de alguma família da "Comédia Humana". Não, não comprei tampouco o broche de madame Bovary. É pungente, essa feira de vaidades mortas, é lúgubre esse porão de um mundo arrebatado pelas guerras, e dormir nessa cama do Segundo Império é dormir no fundo do tempo, entre um bacamarte e um idolo indiano. As vendedoras de ostras, batatas fritas e salsichas, enchendo alegremente seus copos de vinho para casais de namorados que se beijam com sossego em plena rua — nos avisam que a vida continua, e melhor do que sonhar é comer, amar, andar...

M 238 e 552

DN 25.9.47 e 30.11.67

CM 31.10.54

Ogólho 7.1.67

FLU, mar 79

AN 101 e 257

7.2.49

"Dicas Livres"

- O casal Pigeon